

# LÍNGUA, O FATOR COMUM QUE NOS SINGULARIZA, CAPAZ DE FAZER A INTERFACE ENTRE TODOS OS ESTUDOS E MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

**REGINA PAULA AMBROGI AVELAR\***

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, SP, Brasil.

## Resumo

Todas as interfaces criadas pela cultura têm por fundamento a língua. Todos os estudos – linguísticos, discursivos, literários, científicos etc. – derivados de qualquer área do conhecimento têm como substrato a língua. A ciência está imersa no âmbito da cultura e, conseqüentemente, das línguas, em uso ou já mortas. A língua é algo genuinamente humano. É algo que nos define e nos singulariza. O binômio língua/cultura é exclusivo dos seres humanos. Suas complexidades permeiam tudo o que fazemos e exatamente por isso nos caracterizam. Uma fala do autor Mia Couto norteou-nos nas reflexões acerca desses assuntos neste artigo.

## Palavras-chave

Mia Couto. Língua/Cultura. Interfaces.

---

\* *E-mail:* reginaambrogi@gmail.com; ORCID: 0000-0002-2385-3378.

As interfaces da cultura, sejam elas por meio da literatura, sejam por meio de outras formas de artes, têm por base fundadora a língua, tal qual todos os demais estudos – discursivos ou outros. Não há como se produzir cultura sem uma língua ou, em última instância, sem algum tipo de linguagem (visual, musical, sensorial etc.) como substrato. Podemos nos questionar se a língua/linguagem é a mesma coisa e mais profundamente poderíamos até mesmo refletir se a língua e a linguagem são algo exclusivamente humano. Por esse viés, o que diferenciaria os seres humanos dos outros animais? Dentre as muitas especificidades humanas, certamente a nossa capacidade de produzir cultura; nossas reflexões sobre ela; nossa habilidade de transmitir o conhecimento às novas gerações; os estudos que promovemos acerca dela; os diálogos que somos capazes de promover e a própria capacidade de produzir a arte, a literatura, e por que não, a própria língua, são as manifestações culturais humanas que mais nos especificam.

Neste artigo iremos refletir sobre a capacidade humana de promover a cultura e suas interfaces focando em especial na própria habilidade humana de produzir a língua. Tomaremos por base algumas ideias nossas e de outros autores e, em especial, as reflexões de Mia Couto sobre língua, linguagem, cultura e identidade apresentadas em uma fala feita na Conferência Internacional de Literatura WALTIC, em Estocolmo, Suécia, em 2008. Sua intervenção, ou “interinvenção” como ele preferiu dizer, ficou conhecida como *Línguas que não sabemos que sabíamos*. Tal fala foi posteriormente publicada no livro *E se Obama fosse africano?* (2009) e serviu como ponto de partida para as reflexões que seguem acerca de como os estudos linguísticos e os científicos em geral promovem interfaces por meio da língua em uso e são capazes de dialogar com a cultura em suas diversas facetas de manifestação. Veremos que a linguagem é inata às espécies e que a língua é o veículo primeiro, gerador das interfaces mais amplas com a cultura e suas compartimentações criadas culturalmente (categorias e subdivisões de estudos). Faremos uma breve reflexão acerca de que, tanto a língua quanto a cultura, funcionam como as duas faces de uma mesma moeda, que só pode ser experienciada por meio do aprendizado e que elas são o fundamento primeiro para todas as demais categorias que nomeamos em nossos estudos – discursivos, literários, científicos etc.

Pergunte o que diferencia os seres humanos dos outros animais a um filósofo e ele lhe responderá que é o conhecimento. Por essa resposta, podemos nos perguntar se os outros animais não têm nenhum tipo de conhecimento. Nesse momento, talvez você se recorde de um de seus animais de estimação e

concluirá que ele tem algum tipo de conhecimento porque aprendeu algo em sua vida. Você concluirá, então, que a diferença não pode ser só essa.

Ainda refletindo sobre o assunto, pode ser que você decida perguntar a um poeta a distinção entre os animais e os humanos, e ele lhe dirá que é a capacidade de sonhar. Você se perguntará se somente os seres humanos sonham e se lembrará de ter visto o seu cachorrinho dormindo e sonhando. Mas o sonho deles não é o nosso, não é o sonho dos poetas, você dirá. Quem pode afirmar isso com certeza? Sabemos tanto do funcionamento da mente dos animais assim para sermos categóricos e afirmarmos que eles não sonham dessa ou daquela maneira?

Nesse momento, quem sabe, você decidirá perguntar a um linguista. Ele é um cientista, provavelmente terá a resposta, você pode pensar. Ele lhe dirá que o que nos diferencia dos outros animais é a linguagem. Assim você pode se perguntar que se a linguagem nos diferencia dos demais animais ela seria algo exclusivo dos seres humanos. E se nesse exato instante você conseguir se lembrar das aulas de biologia e se recordar da fala do professor sobre a linguagem das abelhas, dos golfinhos, dos pássaros chegará à conclusão que a linguagem não é exclusiva dos humanos.

Talvez, então, você decida perguntar a um biólogo, mais acostumado a comparar as espécies e suas especificidades. Ele provavelmente será um pouco mais específico e mencionará algo a respeito de nosso cérebro altamente desenvolvido, porém ele detalhará que os golfinhos também têm um cérebro altamente diferenciado e concluirá que o que realmente nos diferencia das demais espécies é a habilidade de falar uma língua e, conseqüentemente, o fato de ser capaz de passar o conhecimento adquirido para as novas gerações sem a necessidade de fazê-lo pessoalmente, como pela escrita, por exemplo. O biólogo justificará seu raciocínio exemplificando muitos outros animais que se comunicam por meio de linguagens, mas que precisam passar seu aprendizado por interação direta com outros de sua espécie.

Em tempos em que as pessoas se dedicam à diversas formações e profissões ao longo de suas vidas, como os tempos atuais, o que um poeta, escritor, linguista e biólogo responderia para a mesma pergunta de o que nos diferencia dos outros animais? Mia Couto é tudo isso, quem sabe poderíamos até dizer que é um filósofo também, já que trata dos assuntos que são mister da filosofia como a existência, o conhecimento, a linguagem.

Para as muitas respostas à pergunta do que nos diferencia dos outros animais Mia Couto começa sua “interinvenção” de 2009 dizendo que, em um

conto que nunca publicou, uma mulher em fase terminal pede a seu marido que lhe conte uma história em uma língua desconhecida para apaziguar suas dores, “Que eu preciso tanto de não compreender nada!” (COUTO, 2009, p. 9). O esposo se sente ridículo falando em um idioma inventado “[...] como se a si mesmo desse provas da incapacidade de ser humano” (COUTO, 2009, p. 9). A partir dessa pequena estória podemos, em um primeiro momento, concluir, mesmo sem sermos especialistas no cérebro, que o pensamento humano é estruturado pela língua e pela linguagem. Não há sequer como compreendermos o mundo se não for por meio do complexo cognitivo língua/linguagem, talvez daí venha a ideia de que o marido se sentiu “ridículo” “como se desse provas da incapacidade de ser humano”. Falar uma língua é algo genuinamente humano.

Embora a mente funcione de maneira global, o pensamento é linearizado em uma cadeia temporal para que haja a fala, quer dizer, nossa cognição faz que as palavras sejam emitidas umas após as outras, em uma corrente. Sendo assim, aquele pensamento difuso torna-se uma sequência temporal que nos identifica como seres humanos. Um bebê adquire a linguagem desde os primeiros dias de vida: ri, chora, bate palminhas, faz caretas, mostra a língua, dança etc. Mas a aquisição de uma ou mais línguas leva anos. Se ele tiver um desenvolvimento padrão, ou normal, ele só será proficiente aos 3-4 anos. Evidências científicas apontam para o fato de que, caso não seja exposto a nenhuma língua nessa primeira infância, corre o risco de nunca adquirir a habilidade de falar e de compreender o mundo ao seu redor devidamente.

A fala depende tanto do suporte físico – aparato fonador e auditivo – quanto da imersão no mundo de significados e signos que compõem uma língua. Para Roland Barthes (1978, p. 15). “[...] os signos de que a língua é feita só existem na medida em que são reconhecidos, isto é, na medida em que se repetem; o signo é seguidor, gregário; em cada signo dorme este monstro”. Esse monstro a que Barthes se refere pode ser interpretado como a gama de significados que os significantes podem adquirir nos mais variados contextos. Na literatura, especialmente, vemos como um signo pode ser trabalhado e alcançar novos significados em uma língua. Mia Couto em suas obras ficcionais e não ficcionais utiliza o signo de formas novas e nos leva a enxergar a relação de língua e linguagem de fora do campo teórico e mais próximo da vida comum, em que os signos são reinventados a todo o momento.

Para falar de signos de uma ou mais línguas, a definição dos conceitos é um fator determinante para qualquer estudo que aborde algum campo linguístico.

Os conceitos de língua e linguagem são relevantes já que têm significados distintos. Em seus estudos, Ferdinand de Saussure (2004, p. 17) se preocupou em esclarecer a diferenciação entre os dois termos, a linguagem é mais ampla, uma faculdade humana; já a língua é um produto social que a linguagem comporta, sendo constituída por convenções que devem ser aprendidas pelos falantes:

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem, é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos (SAUSSURE, 2004, p. 17).

A língua é, sobretudo, uma característica intrinsecamente humana e não a linguagem, pois “[...] o exercício da linguagem repousa numa faculdade que nos é dada pela Natureza, ao passo que a língua constitui algo adquirido e convencional.” (SAUSSURE, 2004, p. 17). A linguagem é uma faculdade, a língua permite o exercício dessa faculdade. As linguagens animais são variadas e distintas das nossas linguagens, já que não podemos também dizer que haja apenas uma linguagem humana, há muitas linguagens humanas: a corporal, a facial, a de sinais etc. Então, o que diferencia a nossa linguagem das dos demais animais?

Muitas espécies se utilizam de linguagens para comunicação e passam seu conhecimento diretamente para seus descendentes. O que nos diferencia deles é a capacidade de deixar o conhecimento escrito para qualquer um acessar. É a língua, seja ela oral, seja escrita, e não a linguagem que nos diferencia, pois é ela que permite que passemos nosso conhecimento adiante sem a necessidade de interação direta, por meio de papiros, inscrições rupestres, livros, gravações, filmes, internet, e assim por diante. É, sobremaneira, a língua que nos identifica como espécie, e lembremos, leva-se em média de 3-4 anos para que um filhote humano se torne realmente humano no sentido de adquirir o que o identifica como tal.

Se a capacidade de passarmos nosso conhecimento sem a necessidade de interação direta com os outros é uma característica identitária da nossa espécie, o que dizer das sociedades ágrafas? Mia Couto (2009, p. 19) resolve a questão como poeta: “A oralidade é um território universal, um tesouro rico de lógicas e sensibilidades que são resgatadas pela poesia”. Nesse universo ágrafo somos todos analfabetos. Sabemos ler os livros, mas não sabemos mais ler o

mundo, as chuvas, os bichos, sendo biólogos ou não. Mia Couto (2009, p. 12) resume: “Nesse universo de outros saberes sou eu o analfabeto [...] Nessas visitas que faço à savana, vou aprendendo sensibilidades que me ajudam a sair de mim e afastar-me das minhas certezas”.

Essas línguas concretas, que não sabemos utilizar, deveriam ser nossas principais ferramentas de inserção e atuação no mundo. Elas nos ligam com a natureza, natureza que nos presenteou com a faculdade da linguagem, como afirmou Barthes. Na atualidade, devido a tantos problemas ambientais gerados pelas atividades humanas, parece ser importante nos lembrarmos de que há uma circularidade que torna imperioso que dominemos língua e linguagem para navegarmos apropriadamente nesse mundo cultural que criamos e nesse mundo de natureza que estamos paulatinamente apagando. Como se precisássemos voltar ao nosso lado mais primitivo e próximo da natureza, nossa porção que nos iguala aos demais animais, nossa cultura primitiva, ágrafa, para que possamos nos esquecer de nossos universos de crenças, nossas identidades e culturas a fim de termos contato com a natureza e de termos a capacidade, novamente, de ler e entender seus sinais. Afastar-nos de nossas certezas, de nossas culturas. Tornarmo-nos, enfim, menos espécie humana e mais parte da simbiose chamada Planeta Terra, ou como diz Mia Couto (2009, p. 18) sobre a visão antropocêntrica que perdura há séculos: “Na realidade, as coisas não nos rodeiam, nós formamos com elas um mesmo mundo, somos coisas e gente habitando um indivisível corpo”. Precisamos aprender a nos comunicar com o mundo ao nosso redor, com o nosso corpo indivisível, esse mundo que não é virtual, mas real, e que está sempre nos enviando mensagens que não temos habilidade de ler, ou talvez estejamos muito distraídos com outras coisas para fazê-lo.

A necessidade de categorizarmos as coisas é uma vertente cultural humana de muita potência. Necessitamos comparar, medir, estudar, categorizar. Tal necessidade compartimenta os estudos em vertentes, linhas, categorias, o que, se, por um lado, facilita os estudos, por outro, cria uma especificidade tal que impede que as ciências sejam vistas como uma coisa única. Atualmente as ciências humanas quase não possuem interfaces com as biológicas ou as exatas, e artigos como este, que trazem pensadores e reflexões que integram tais visões, causam um certo estranhamento nos leitores que se perguntam: mas esse artigo não pertence a uma revista de letras? Como o próprio Mia Couto mencionou em sua intervenção, essa subdivisão não deveria ocorrer, afinal tudo faz parte

de um todo que insistimos em fragmentar. São apenas diferentes manifestações da língua em uso, com suas regras próprias, suas diferentes categorizações, paradigmas e manifestações em verdade, porém em uma redução definitiva são apenas maneiras distintas de uso da língua humana.

As ideias de cunho científico e as do senso comum dos cidadãos estão imersas em âmbitos mais amplos, elas estão obrigatoriamente imersas nos âmbitos da língua/linguagem e da cultura, seu produto e seu fomento. Se pararmos para refletir e fizermos um breve retrospecto acerca da história das ciências, rapidamente constataremos que a própria subdivisão de ciências humanas, biológicas e exatas é bem recente. Quando pensamos que até a Revolução Científica (XVI-XVIII) falava-se somente em filosofias naturais e que essas englobavam todas as investigações antigas acerca da natureza e do homem, descobrimos que esses estudos são considerados como *pré-científicos*, ou seja, como estudos que antecediam a Era Moderna. A ciência moderna tem como fundador Galileu Galilei (1564-1642), conhecido como “o teórico do método científico” e da “autonomia da pesquisa científica”. Somente no século XIX a expressão ciência natural foi cunhada para diferenciar os campos que se utilizam do método científico para estudar a natureza daqueles que estudam o homem (ciências sociais e humanas – que usam o método científico para estudar a sociedade e o comportamento humanos), diferenciando-as também das ciências formais ou ciências exatas, que utilizam métodos quantitativos, predições precisas e métodos rigorosos de testar hipóteses – e as ciências exatas datam do início do século XVII, na Europa Ocidental (RONAN, 1987).

Por causa desses fatos era comum na Idade Média um artista, como Leonardo da Vinci (1452-1519), ser pintor, escultor, cientista, arquiteto, matemático, literato, astrônomo, botânico, anatomista etc.; ou seja, tudo é uma questão de cultura e identidade, classificação e discurso, pensamento e linguagem que se amoldam em um determinado tempo e espaço, de acordo com os paradigmas daquele momento determinado historicamente em um entrelaçar da tradição e do novo, do presente com o passado. Como dito anteriormente sobre as formações e profissões de Mia Couto, e até mesmo da autora deste artigo, há uma certa circularidade em cultura que nos leva ao mesmo ponto de tempos em tempos. Atualmente, como no passado, as pessoas tendem a ter várias áreas de interesse, e as muitas compartimentalizações responsáveis por especialistas que somente dominavam um pequeno filão do conhecimento podem estar menos em voga novamente.

A grande maioria dos conceitos, paradigmas, dogmas em ciências são estabelecidos pela ampla aceitação da comunidade científica que passa esse conhecimento adiante ensinando os estudantes da área, perpetuando aquela ideia até o próximo paradigma se tornar vigente. As ideias científicas caem em uso no senso comum dos cidadãos que podem ou não ter alguma ligação com a ciência. Dessa forma os conceitos tornam-se, muitas vezes, intercambiáveis, porque o cuidado científico, aos se empregar um termo, é rigoroso somente no âmbito científico e não na vida cotidiana. Além disso, não devemos nos esquecer de que a ciência e a vida comum estão imersas em um âmbito maior: o da cultura.

É sabido tanto no senso comum como na ciência que língua é cultura. Em inglês, por exemplo, não há duas palavras para o termo: *language* é usado para os dois, língua e linguagem. Na(s) cultura(s) de língua inglesa um único termo mobiliza pelo menos dois na(s) cultura(s) de língua portuguesa. Podemos usar o termo idioma, então, para compreendermos que linguagem e línguas/idiomas existem como parte de universos culturais mais amplos. Há aqueles que lutam para salvar espécies, em um paralelo Mia Couto nos lembra de que há aqueles que lutam para salvar línguas. Ele acredita que as línguas só se salvam se suas culturas se mantiverem dinâmicas, se puderem dialogar e misturar com outras, se mestiçarem: “As línguas e as culturas fazem como as criaturas: trocam genes e inventam simbioses como resposta aos desafios do tempo e do ambiente” (COUTO, 2009, p. 13). As culturas e as línguas, quando em contato, se relacionam de forma a trocar informações, palavras, costumes, modos de viver.

Não há como separar a espécie humana das demais e do planeta, assim como não há como separar a língua da cultura da qual emergiu. Eagleton (2005, p. 55) acredita que a cultura seja “[...] o complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem o modo de vida de um grupo específico”, e a língua e a linguagem se desenvolvem dentro desse complexo de onde surge a identificação do indivíduo. Durante a vida nós passamos por um longo processo de identificação e desidentificação baseado na relação intrínseca que existe entre língua/linguagem, cultura e identidade. A cultura enquanto instância mais ampla da linguagem/língua é que separou a espécie humana das demais, colocando o homem no centro. A devastação da natureza fez que repensássemos a visão antropocêntrica e que mais e mais pessoas passassem a pensar como Mia Couto, visão na qual o homem é apenas mais uma peça da grande engrenagem chamada Planeta Terra.

As línguas não são apenas o aprendizado de suas normas e técnicas. Não aprendemos técnicas para traduzir como pensam os outros. Precisamos mergu-

lhar em sua cultura para aí, sim, entendemos seu funcionamento e o pensamento do outro profundamente. As culturas têm em seu vocabulário as palavras das quais precisam, e por essa razão somente as línguas mortas não se modificam. As palavras constituem a realidade de um povo, por isso cada cultura é uma realidade única, que não deixa de ser real, mas apenas diferente. Falar um idioma diferente é “poder visitar a intimidade do outro” para Mia Couto (2009, p. 19), pois cada um tem a língua que o identifica. Cada forma de passarmos uma mensagem exige uma postura diferente, uma outra identidade, uma postura que assumimos. O mesmo ocorre com as palavras e com os que trabalham com ela, o escritor afirma sobre os que têm a palavra como ofício: “Não existe escritor no mundo que não tenha de procurar uma identidade própria, entre identidades múltiplas e fugidias” (COUTO, 2009, p. 19). As muitas identidades que temos, as línguas que falamos, as muitas posturas que assumimos, acabam por nos singularizar.

Quando as línguas entram em contato, como no caso das nações africanas – Mia Couto é moçambicano –, percebemos forças que não podem ser estruturadas agindo. A língua do poder econômico é imposta como oficial, sendo, portanto, obrigatória, mas as demais línguas, que sempre estiveram ali para comunicar – da chuva que viria até a morte que se aproximava – influenciam a língua oficial de tal modo que essa adquire uma nova camada de identidade. Relações semânticas não são fáceis de ser trabalhadas e tanto língua quanto cultura sobrevivem pelo uso e por sua utilidade. O continente africano tem sido prejudicado em todas as esferas, social, cultural e econômica, devido ao interesse econômico de países desenvolvidos que veem o continente como um local de exploração e não de investimento.

Para Mia Couto (2009, p. 10-11), o uso poético da escrita também tem sofrido os males desse interesse econômico: a disseminação de determinada língua, principalmente em sua forma escrita, está diretamente ligada ao poder econômico que cada nação possui. Na opinião de Couto, os critérios de hoje desvalorizam tanto o pensamento quanto a palavra em nome do lucro rápido. Isso quer dizer que desvalorizam exatamente os dois elementos que nos caracterizam como seres humanos: o pensamento e a palavra. Isso é um paradoxo e um contrassenso, pois o homem que julga estar no centro dos acontecimentos do mundo está prejudicando a si mesmo. O planeta não poderia reagir positivamente quando uma parte de sua engrenagem age contra si mesma acreditando estar tirando vantagem. Afinal, quer admitemos, quer não, somos parte da natureza e nossa natureza humana é completamente permeada pela cultura

que somos capazes de produzir, mesmo que essa cultura esteja ligada ao nosso próprio fazer e interagir com a natureza.

Isso quer dizer que independentemente dos estudos (discursivos, literários, culturais, científicos, linguísticos etc.) em foco, sempre haverá, em última instância, o fundamento da língua em uso posta em funcionamento para elaborá-los. Tal interface é por si mesma a produção de uma cultura, independentemente de qual cultura, científica ou ordinária. As subdivisões adicionadas a esse estudo são e serão sempre póstumas e artificiais, a ele adicionados pela constante necessidade do pensamento humano em categorizar e comparar, e em última instância, tudo sempre será apenas uma engrenagem da cultura humana.

Outro autor que também desenvolveu sua capacidade de refletir sobre as línguas em contato em contextos culturais múltiplos e que igualmente rompeu a fronteira das subdivisões da ciência ao fazê-lo é o jamaicano Stuart Hall, falecido recentemente em 2014. Hall (1990) se valeu de termos biológicos em suas reflexões acerca de cultura e língua fazendo o uso do termo biológico “hibridação” para elaborar uma explicação sobre as novas línguas que surgem no mundo. Se procurarmos o vocábulo em um dicionário, encontraremos que a *hibridação* é o “cruzamento entre espécies diferentes”. Transpondo para os estudos de Hall, podemos interpretar o termo como uma mistura entre coisas diferentes, sejam elas culturas, línguas ou até mesmo palavras. No livro *Cultural identity and diáspora* [Identidades culturais e diáspora], Hall (1990) discorre sobre essa crioulação da língua inglesa, ou seja, sobre a aparição das línguas chamadas crioulas ou híbridas. Por essa visão, há uma dinâmica sincrética cultural em que os falantes se apropriam criticamente dos elementos dos códigos das culturas dominantes tornando-os crioulos, desarticulando seus signos e rearticulando seus significados simbólicos, como vemos no excerto:

A força subversiva dessa tendência de hibridação é mais evidente no nível da própria língua onde os crioulos, gírias e o inglês dos negros deslocam, descentralizam e carnavalizam a dominação linguística do ‘inglês’ – a língua-nação do discurso dominante – por meio de inflexões estratégicas, novos acentos e outros movimentos performativos na semântica, sintaxe e códigos lexicais (HALL, 1990, p. 236).

As modificações feitas pelos falantes na língua inglesa chamada crioula se dão nos três níveis: semântico (ou de significados), sintático – ou no núcleo duro da gramática – e lexical, da criação de novas palavras, e é a necessidade que cria usos linguísticos novos. Línguas/cultura(s) em contato geram diversi-

dade, misturas, mestiçagem, hibridações. No nível da língua em uso essa percepção é sentida mais facilmente, e a língua é transformada em outra. Ela não deveria ser considerada nem melhor, nem pior. Não deveria ser categorizada e valorada pelos estudos linguísticos e discursivos. Ela é apenas diferente, distinta, uma nova língua ou uma língua modificada por seus falantes.

Os aspectos culturais, sociais e econômicos humanos, porém, não nos permitem sermos isentos nessas categorizações, afinal, como Bakhtin (1997, p. 135) afirmava em suas aulas que serviram de base para as teorias da Análise dos Gêneros do Discurso não há um discurso que seja neutro: “Toda enunciação compreende antes de mais nada uma orientação apreciativa. É por isso que, na enunciação viva, cada elemento contém ao mesmo tempo um sentido e uma apreciação”, já que “O *centro* organizador de toda enunciação, de toda expressão, não é interior, mas exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1997, p. 121).

Por saber da insistente existência da apreciação humana, Mia Couto, tal qual Hall, acredita que a sobrevivência de uma cultura está intimamente relacionada à sua capacidade de se hibridizar com as demais: “As culturas sobrevivem enquanto forem sujeito de mudança e elas próprias dialogarem e se mestiçarem com outras culturas” (COUTO, 2009, p. 13). Afinal, fica mais difícil discriminar e julgar negativamente algo que faz parte de si, que se misturou. Talvez por isso culturas que se fechem e não se misturem com as demais sejam cada vez mais raras em nosso planeta. A valorização das diversas formas de produzir diversidade, entre elas a linguagem, fortalece o desenvolvimento dos povos. Tirar a influência linguística de um povo também significa prejudicar seu desenvolvimento como um todo, quer dizer, é algo inerentemente cultural. A diversidade, a mistura, o hibridismo – seja cultural, linguístico, ou outro – seria uma vantagem evolutiva da espécie humana para Couto (2009, p. 11): “O que fez a espécie humana sobreviver não foi apenas a inteligência, mas a capacidade de produzir diversidade”.

Os povos africanos, caribenhos, atualmente as massas migratórias do Oriente Médio e tantos outros povos no planeta estão em constante movimentação por muitas razões: econômicas, guerras, e até pessoais ou mesmo emocionais, quando não se sentem como pertencentes desta ou daquela cultura. Não somente os africanos, mas as pessoas cidadãos do mundo pertencem a muitas culturas ao mesmo tempo. Se a identidade é uma postura que se assume, ou um sentimento de pertencimento, povos que falam muitas línguas são pertencentes a muitas culturas. São híbridos, misturados, mas, ao mesmo

tempo, são únicos. Em um paralelo, cada espécimen é único em sua constituição biológica singular. Até mesmo os gêmeos idênticos são únicos em seu material genético, em suas mutações. Somos todos singulares, ao mesmo tempo que somos integrantes do todo. Embora sejamos únicos, participamos e trocamos partes com o todo: genes, línguas, pensamentos, ideias, culturas. Ninguém consegue viver verdadeiramente isolado neste mundo, somos seres intrinsecamente sociais.

O momento pede um repensar, uma nova postura diante dos velhos fatos e problemas. Mia Couto (2009, p. 20), assim como nós, advoga por um homem plural, com um idioma plural, para ele “Todos nós temos que encontrar uma língua própria que nos revele como seres únicos e irrepetíveis”. Aqueles que falam dois ou mais idiomas são mais irrepetíveis dos que falam apenas um. A língua é a nossa identidade como espécie, devemos nos valer dela para dizer que somos todos híbridos culturais em nossa identidade multifacetada e heteróclita, feita de muitas línguas e posturas, culturas, estudos, costuras e pertencimentos. Se uma língua já representa toda essa variedade de oportunidades, imaginem duas, três, muitas. Mas acima de tudo, temos que nos recordar de que somos parte do todo: da natureza e da simbiose holística do planeta, e que a língua/linguagem é a bússola – ou mais modernamente o GPS – necessária para permitir a navegação nesse hábitat.

A língua/linguagem é uma parte essencial por ser capaz de influenciar outros tantos, mesmo que seja a distância, por meio da palavra, oral ou escrita, que nos identifica e nos singulariza. Falar mais de um idioma, assim como falar mais de uma linguagem, é ser esse ser plural, é ser o ser que é necessário para a continuidade da espécie no planeta. As muitas linguagens que permeiam os estudos, as culturas e as artes geram interfaces entre as ciências evidenciando cada vez mais as compartimentações criadas pela cultura.

Essas subdivisões artificiais podem adquirir portas basculantes que abram nos dois sentidos quando usarmos nossa capacidade de reflexão analítica para criar espaços de saber e de cultura que abranjam diferentes conhecimentos. Dessa maneira, seremos capazes de interligar os fragmentados estudos discursivos e as mais variadas formas de ciências e cultura e criaremos consciência de que o meio utilizado é comum a todas elas: a língua e a cultura. Isso quer dizer que só conseguiremos entender o que as diferentes ciências propagam, por mais específicas que possam parecer, quando nos valermos de algo genuinamente humano, quando nos apropriarmos das lín-

guas em uso, de suas culturas e de seus desdobramentos para podermos finalmente tentar vislumbrar o arcabouço de tudo isso: a língua/cultura que nos singulariza como espécie. Podemos nos valer das palavras de Mia Couto (2009, p. 11) para resumir a ideia assim: “Nascemos e morremos naquilo que falamos, estamos condenados à linguagem mesmo depois de perdermos o corpo. Mesmo os que nunca nasceram, mesmo esses existem em nós como desejo de palavra [...]”.

## Language, the common factor that singles us out, capable of the task of interfacing all studies and cultural manifestations

### Abstract

All interfaces created by culture have language as their bedrocks. All studies – linguistic, discursive, literary, scientific etc. – derived from any area of knowledge have language as substrate. Science is immersed in the scope of culture and, consequently, in the context of language, in use or dead. Language is something authentically human. It is something which defines us and singles us out. The binomial language/culture is exclusive of human beings. Their complexities pervade everything we make and precisely because of that it characterizes us. A speech from the author Mia Couto has guided us through the reflections about those subjects in this article.

### Keywords

Mia Couto. Language/Culture. Interfaces.

## REFERÊNCIAS

- BARTHES, R. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV, V. N.). *Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução M. Lahud e Y. F. Vieira. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- COUTO, M. Línguas que não sabemos que sabíamos. In: COUTO, M. *E se Obama fosse africano? e outras interinvenções*. Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 9-21.

EAGLETON, T. *A ideia de cultura*. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

HALL, S. *Cultural identity and diaspora*. Londres: Lawrence Wishart, 1990.

RONAN, C. A. *História Ilustrada da Ciência*. Universidade de Cambridge. III - Da Renascença à Revolução Científica. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.

SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2004.